

Capítulo 2

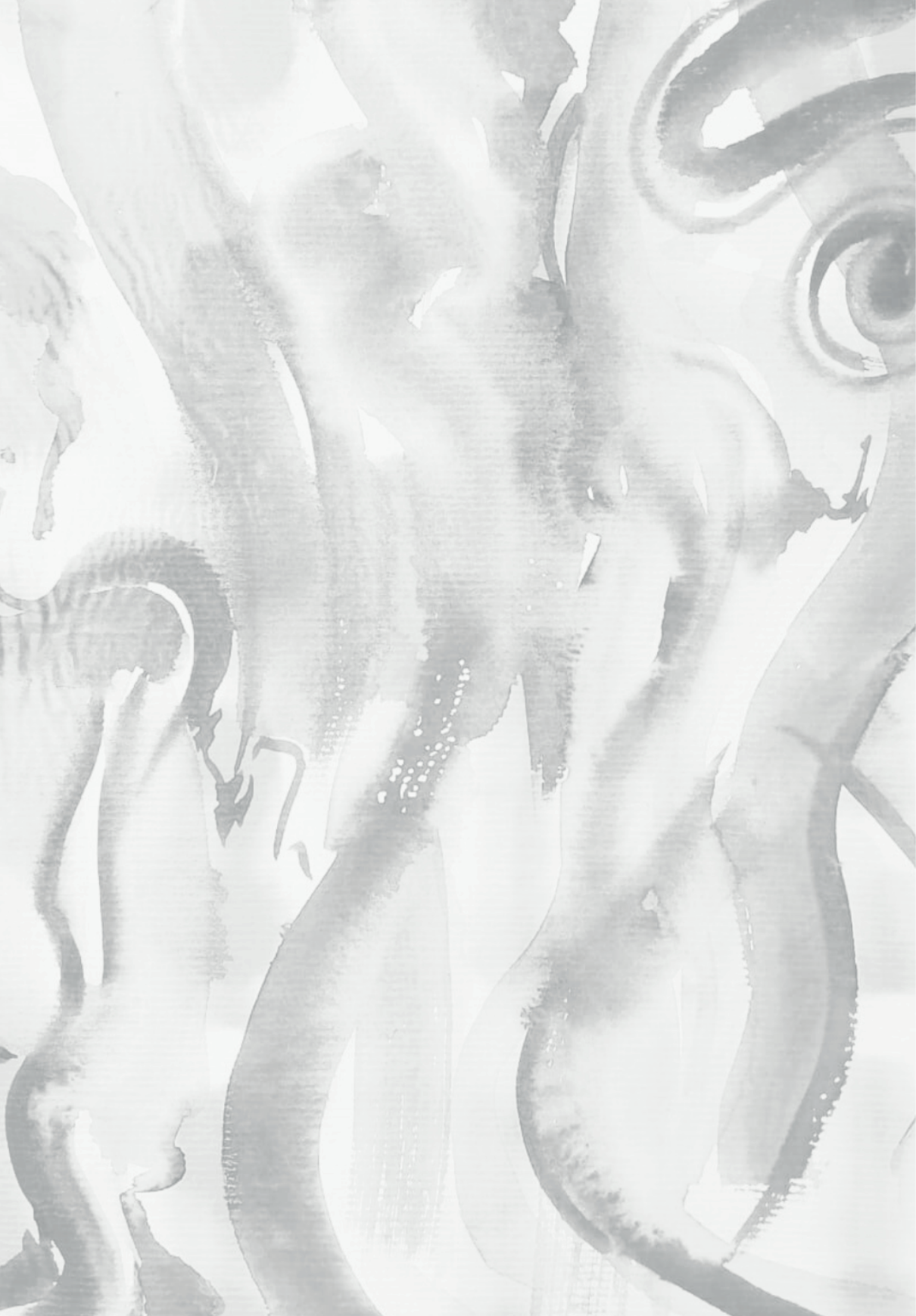
DA FORMAÇÃO À AÇÃO: UM RELATO DE MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL EM CONSTRUÇÃO

Tayene Mendonça Santos (CBNB)



Você é a soma de tudo que já viu, ouviu, comeu, cheirou, disse, esqueceu — está tudo lá. Tudo influencia cada um de nós, e por isso eu tento ter certeza de que minhas experiências são positivas.

Maya Angelou



DA FORMAÇÃO À AÇÃO: UM RELATO DE MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL EM CONSTRUÇÃO

Minhas primeiras memórias relacionadas à minha trajetória acadêmica me levam até 1999, ano em que cursava o chamado Jardim de Infância no Centro Educacional ABC Pernalonga, em Guadalupe, Zona Norte do Rio de Janeiro. Lembro-me de ter aulas de balé e de detestá-las, acreditando que as aulas de judô, ofertadas apenas aos meninos, deveriam ser mais interessantes. No ano seguinte, cursei a Classe de Alfabetização (popularmente conhecida como C. A.) em outro local, a Escola XV de Novembro, instituição escolar dentro da Igreja Batista XV de Novembro, da qual eu e minha família fazíamos parte. Nesta escola, coordenada por minha mãe, que era pedagoga, aprendi a ler e a escrever com a tia Gidalva e, ao final do ano, fui escolhida para ser a oradora da turma, conforme a Figura 1, de meu acervo pessoal.

Figura 1: Formatura da Classe de Alfabetização.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Momentos marcantes no Ensino Fundamental I e II

Já em 2001, passei a estudar no Colégio Souza Marques, em Cascadura, também na Zona Norte do Rio de Janeiro. Por lá, cursei da 1ª até a 5ª série do Ensino Fundamental (que atualmente correspondem do 2º até o 6º ano) e fiz amizades que perduram até hoje. Nesta escola, sem imaginar ou perceber, eu já dava os primeiros sinais de qual profissão viria a escolher anos mais tarde, pois ajudava algumas amigas com maior dificuldade nas

matérias escolares. Elas iam até a minha casa para que fizéssemos juntas os deveres de casa e os trabalhos escolares, além de estudarmos para as provas bimestrais. Neste período também, lembro-me de decidir ensinar a Língua Inglesa para a minha avó materna. Peguei um caderno, escrevi vários exercícios baseados naquilo que eu já havia aprendido, recortei imagens de livros antigos para compor as atividades e expliquei o assunto para minha avó. Ao chegar na 5ª série do Ensino Fundamental I, no entanto, passei a enfrentar muitas dificuldades para compreender Matemática. Lembro-me de que a professora quase não ia à escola, deixando tanto a minha quanto outras turmas sem aulas ao longo de todo o ano.

Tal defasagem só pode ser percebida de fato no ano seguinte, quando passei a estudar em outro colégio, o Centro Educacional Triângulo, em Marechal Hermes. Ao cursar a 6ª série, em 2006, enfrentei extrema dificuldade para acompanhar as aulas de Matemática, já que os assuntos tratados dependiam de conceitos que eu deveria ter aprendido no ano anterior. Precisei estudar com meu pai o ano inteiro para conseguir acompanhar a matéria e, graças a essa grande ajuda, alcancei as notas necessárias, compreendi os assuntos trabalhados em aula e pude, a partir dali, voltar a estudar sozinha.

Ao longo do Ensino Fundamental II neste colégio, que frequentei entre 2006 e 2008, me identifiquei e me interessei mais pelas aulas das Línguas Inglesa, Espanhola e Portuguesa, outro indício das minhas escolhas acadêmicas e profissionais no futuro. Eu queria entender as músicas que escutava e queria poder cantá-las pronunciando as palavras da melhor forma possível, então pesquisava nas revistas os significados das letras, prestava muito mais atenção às aulas e fazia várias perguntas às professoras sobre as palavras ou expressões para as quais eu não conseguia encontrar um significado.

Nesta época, que foi marcada pela popularização da internet banda larga nos computadores que as pessoas possuíam em casa, eu passei a ter mais acesso às músicas em inglês e em espanhol que queria ouvir, bem como às letras, que eu imprimia para poder acompanhar enquanto as cantava. Minha mãe, observando este meu interesse, começou a procurar cursos de inglês para que eu pudesse estudar mais o idioma.

Eu não poderia deixar de ressaltar que a minha maior incentivadora e a profissional mais dedicada e apaixonada pelo que fazia que eu conheci em minha vida chamava-se Liane Mendonça. Esta mulher, que tenho orgulho

de chamar de mãe, me deu meus primeiros livros de histórias, me instigou a ler, acompanhou meus estudos de perto, me levou às Bienais do Livro do Rio de Janeiro e me ensinou que podemos sair de nossa casa e viajar o mundo através da leitura. O Centro Educacional Triângulo, onde eu estudava, foi seu último local de trabalho. Lá, ela promoveu diversos eventos como coordenadora, inclusive um Concurso de Redação dividido entre os segmentos e do qual eu fui vencedora na categoria do Ensino Fundamental II. Ao fim desta etapa em minha trajetória escolar, ela decidiu que no ano seguinte, em 2009, eu e meu irmão cursaríamos o 1º ano do Ensino Médio e o 6º ano do Ensino Fundamental II, consecutivamente, em outro colégio.

O Ensino Médio, a perda e os desafios

Eu e meu irmão passamos a estudar no Colégio Adventista de Jacarepaguá, na Vila Valqueire a partir de 2009. Neste mesmo ano, iniciei os estudos no CCAA, curso de inglês escolhido por minha mãe. Cerca de duas semanas após o início nesta nova escola e no curso, nossas vidas mudaram ainda mais, pois nossa mãe, Liane, faleceu repentinamente por imprudência de um motorista. Lidar com a perda de uma pessoa tão importante, juntamente com a mudança de escola aos 14 anos de idade, foi certamente a situação mais difícil que precisei enfrentar na vida. Tudo precisou ser reajustado. Eu e meu irmão passamos a morar com nossa avó materna enquanto nosso pai viajava a trabalho e, quando ele estava de folga, ficávamos com ele.

Neste período, precisei de muita resiliência para continuar estudando e seguir com a minha vida. Assim como fazia no ensino fundamental, continuei ajudando amigas que tinham dificuldade em determinadas matérias escolares, prossegui em meu curso de inglês e, em meio a todas as dificuldades geradas pela perda de minha mãe, tentava descobrir qual carreira seguir.

Ao longo do Ensino Médio, alguns professores marcaram minha trajetória. Recordo-me de ficar fascinada com as aulas de História da professora Adriana, pela forma como ela nos ensinava e pela maneira que a matéria deixou de ser um acúmulo de datas para se tornar uma espécie de filme. Eu conseguia imaginar os acontecimentos conforme ela nos contava cada detalhe. Outro professor marcante foi seu marido, Moisés, que lecionava matemática. Apesar de eu ter dificuldade e de não ter nenhuma identificação com as matérias exatas, Moisés explicava de uma forma calma e clara. Nas aulas dele, a

matéria parecia menos complexa. Ilma, a professora de Língua Portuguesa e de Literatura, me indicou vários livros que adorei ler, além de ter apresentado à turma o filme *Orgulho e Preconceito*, baseado no livro homônimo de Jane Austen. Depois de me encantar com a história, comprei o livro em sua versão original em inglês e este foi o primeiro livro que li neste idioma. Rodolfo, professor de Química, também marcou minha trajetória no Ensino Médio. Recordo de me sentir muito feliz por entender a matéria, que sempre foi complexa para mim, e devo isto à maneira didática com que ele nos ensinava. Em meio a tantas situações difíceis, sinto-me grata por ter estudado nesta escola, por ter tido estes professores e pelas amizades que fiz.

Em meu último ano escolar, em 2011, precisei decidir entre Relações Internacionais, História e Letras. Visitamos a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) em um dia de Feira de Cursos voltada aos alunos de ensino médio e ali tive uma pequena noção da grandiosidade desta universidade. Ao final do ano, fiz o ENEM sem grandes expectativas, pois achava que para ingressar em uma universidade pública eu precisaria estudar em cursinhos preparatórios, o que não fiz por falta de recursos de minha família. Estudei para o vestibular por conta própria, usando os livros didáticos da escola em casa quando voltava da escola. Fiquei extremamente surpresa ao descobrir, em 2012, que havia passado para Letras Português-Inglês na UFRJ.

O curso de Letras e o ingresso no mercado de trabalho

Comecei o curso no primeiro semestre do mesmo ano e pude, meses depois, participar como ouvinte em um evento organizado pelo Departamento de Línguas Germânicas sobre a produção negra norte-americana. Neste evento, assisti diversas apresentações de alunos da graduação sobre pessoas como Zora Neale Hurston e Martin Luther King Jr. Fiquei encantada com a possibilidade de unir os estudos em Letras, Inglês e História e desde então decidi que gostaria de pesquisar autores negros. Iniciei, então, minha pesquisa na graduação orientada pela professora Michela Rosa di Candia sobre o discurso “*I have a dream*”, de Martin Luther King Jr.

Durante a graduação, participei de diferentes simpósios, congressos e eventos sobre raça e gênero, participei de duas edições da Jornada de Iniciação Científica (JIC) apresentando os resultados da minha pesquisa, mas, até então, eu tinha a intenção de seguir a carreira de tradução e

revisão. Foi em 2015, já no 7º período, que decidi participar do processo seletivo entre alunos da graduação para atuar como Monitora de idiomas no CLAC – Cursos de Línguas Abertos à Comunidade – projeto desenvolvido pela Faculdade de Letras da UFRJ. Em meu primeiro semestre em sala de aula lecionando a Língua Inglesa, percebi que era aquilo que eu queria fazer. Decidi, no penúltimo período da faculdade, trocar minha habilitação de Bacharelado para Licenciatura.

Com esta mudança, precisei fazer as 10 disciplinas de Educação e o estágio Obrigatório Supervisionado, o que aumentaria meu tempo na faculdade em mais um ano e meio. Entre 2015 e 2017, fiz as matérias referentes à Licenciatura, lecionei no CLAC como professora de Inglês e de Inglês para Fins Específicos (com foco em leitura para acesso à pós-graduação) e estagiei no Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp-UFRJ). No ano de 2017, o último na graduação, tive minha carteira de trabalho assinada pela primeira vez como instrutora em um curso de línguas na Zona Norte. Neste mesmo ano, eu e uma amiga que conheci na graduação, Izabelle Fernandes, escrevemos um artigo para a Revista Perspectiva em Educação Básica. No texto, analisamos um material didático produzido pela Izabelle e aplicado em uma aula no Estágio Supervisionado.

Graduei em Licenciatura em Letras Português-Inglês no dia 07 de outubro de 2017, um dia após o meu aniversário, com a sensação de dever cumprido e de gratidão a Deus e à minha família por todo o suporte ao longo deste trajeto. No ano seguinte, iniciei minha trajetória como professora de Língua Inglesa na escola de idiomas Cultura Inglesa. Neste curso, tive a oportunidade de lecionar para diferentes grupos e tive alunos que iam desde os 6 anos até a terceira idade. Foi também durante meu período trabalhando na Cultura Inglesa que aprimorei meus conhecimentos como professora e como falante de inglês como língua estrangeira e adquiri, após algumas avaliações, os certificados de proficiência (Cambridge English Level 2 - Advanced) e de ensino (Teaching Knowledge Test – Modules 2 and 3).

Em 2019, além de lecionar na Cultura Inglesa, comecei a trabalhar em uma escola bilíngue na Zona Sul do Rio de Janeiro, chamada Dínamis. Nesta escola, lecionei durante dois anos para alunos do 3º ano do ensino fundamental diariamente. Por se tratar de uma escola com ensino bilíngue, eu trabalhei assuntos diversos com os alunos, e a nossa comunicação era toda em inglês. Foi uma experiência enriquecedora, pois pude utilizar o idioma no

dia a dia da turma, ensinar um novo vocabulário conforme a necessidade, além de elaborar e executar diferentes projetos com os estudantes.

O ano seguinte, que ficou marcado pela pandemia do Coronavírus, foi desafiador e cansativo para a maioria das pessoas, e para mim não foi diferente. Todas as minhas turmas passaram a ter aulas síncronas online, o que me obrigava a ficar sentada diante de um computador e com a câmera ligada o dia inteiro. Foi extremamente desgastante precisar reinventar, às pressas, toda a dinâmica das aulas presenciais e adaptá-las para o modelo virtual de ensino. Como manter os alunos motivados e participativos se não sabíamos nem se eles estavam realmente nos ouvindo por trás das câmeras desligadas?

Em meio a todos os desafios impostos por uma doença até então sem vacina, comecei, por influência e encorajamento de uma amiga da faculdade, a estudar para o processo seletivo para o Mestrado. Fiz as leituras necessárias, enviei as documentações, escrevi meu projeto de pesquisa, fiz as provas escrita e oral e, ao final do ano de 2020, fui aprovada no Programa de Pós-Graduação em Memória Social, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Iniciei meus estudos como mestranda no ano de 2021 e, por conta das demandas das aulas da pós-graduação que eu precisaria assistir, precisei pedir demissão da escola bilíngue e diminuir meus tempos de aulas no curso de idiomas. As aulas da pós-graduação foram síncronas e online, ao passo que as aulas que eu lecionava na Cultura Inglesa passaram a ocorrer na modalidade híbrida, ou seja, os alunos poderiam escolher entre assistir às aulas online ou presencialmente, respeitando os protocolos de segurança em relação ao Coronavírus.

Em meio a tais mudanças de rotina, decidi participar do processo seletivo de Oficiais Convocados Temporários da Força Aérea Brasileira para professora de Língua Inglesa para o nível médio. Este foi um árduo processo, com diversas etapas e que durou quase seis meses. Ao final deste período, me tornei Aspirante-a-Oficial da Força Aérea, conforme Figura 2 a seguir, e escolhi atuar no Colégio Brigadeiro Newton Braga. Me desliguei da Cultura Inglesa e iniciei minha jornada nas Forças Armadas no final do ano de 2021.

Figura 2: Formatura Na Força Aérea Brasileira



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Minhas contribuições ao CBNB

Em 2022, meu primeiro ano como professora no CBNB, pude participar de diferentes projetos. Em alusão ao marco de cem anos da Semana de Arte Moderna de 1922 e em consonância com o Projeto Saravá, desenvolvido na escola em cumprimento à Lei 10.639/03, elaborei com duas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental II uma pesquisa e exposição intitulada “Black artists through time”, conforme a Figura 3. Nesta pesquisa, os alunos foram levados a questionar a ausência de pessoas negras entre os artistas cujos trabalhos foram exibidos na Semana de 22. Em seguida, eles foram apresentados a alguns artistas negros que produziram arte no século XX, bem como a algumas de suas obras e trabalhos. Por fim, os estudantes precisaram escolher artistas negros, da atualidade ou não, pesquisar e preencher o perfil do/a artista com as informações que eles estavam aprendendo nas aulas de Inglês, tais como: nome, idade, nacionalidade, profissão e características físicas. Após concluídos os perfis, os expusemos em um dos murais da escola com a pergunta “Which of them do you know?” (Quais destes você conhece?), para que os demais alunos da escola pudessem ler os perfis e refletir sobre a visibilidade de artistas negros. Este projeto também contou com a participação da professora de Arte das turmas, Carmem Crespo, que desenvolveu com os alunos releituras das obras de um dos artistas do século XX invisibilizado na Semana de Arte.

Figura 3: Exposição “Black artists through time”



Fonte: arquivo pessoal da autora

No ano de 2022 tive, ainda, a oportunidade de palestrar aos professores dos Anos Iniciais, juntamente à também professora de Língua Inglesa Tenente Amine. A palestra, sob o título “Ensino de língua inglesa nos anos iniciais: desmistificando crenças e ressignificando experiências” teve por objetivo apresentar os benefícios de oferecermos aulas de uma língua estrangeira no primeiro segmento, mesmo não sendo obrigatório por lei que as escolas ofertem estas aulas em tal fase escolar. Além disso, elaborei questões para o concurso interno do colégio com vistas a preencher as vagas no curso técnico de Enfermagem e no curso Pré-militar, ofertados no 2º e no 3º ano do ensino médio para os alunos classificados. Participei, também, em 2022 e nos anos subsequentes, das bancas dos concursos para Oficiais Convocados, na etapa de Avaliação Didática.

O ano seguinte foi marcado por um novo desafio: assumi a Coordenação de Disciplina e passei a ser responsável por realizar reuniões quinzenais com a equipe de professores de Língua Inglesa, receber e revisar as avaliações trimestrais feitas pelos professores para cada ano de ensino, organizar as demandas de substituições, entre outras atribuições. Elaborei, desta vez junto à equipe, questões para o concurso interno da escola, e participei da Mostra de Cultura com o projeto intitulado “English Experience” (Figura 4). Neste projeto, realizado com a Tenente professora Amine, expusemos atividades realizadas pelos alunos dos Anos Iniciais (do 1º ao 5º ano), como jogos utilizando o vocabulário aprendido ao longo do ano letivo.

Figura 4: English Experience



Fonte: arquivo pessoal da autora.

No âmbito acadêmico, o ano de 2023 foi marcado pela conclusão e defesa do meu mestrado, cuja dissertação tem como título “Memórias que narram: uma análise das performances narrativas e identitárias da protagonista em “Americanah””. Neste mesmo ano, publiquei o artigo intitulado “Práticas antirracistas na sala de aula de Língua Inglesa: ações que fazemos com a linguagem na Educação Básica” em coautoria com a professora Pós-doutora Glenda Cristina Valim de Melo e a doutoranda Karoline dos Santos Silva.

Permaneci na Coordenação de Disciplina ao longo do ano de 2024, além de desenvolver outros projetos com minhas turmas. O primeiro deles, com as turmas do 7º ano do ensino fundamental II, teve como objetivo utilizar o vocabulário sobre esportes aprendido nas aulas, bem como o uso dos verbos no passado simples, para escrever biografias curtas sobre atletas de interesse de cada aluno. Os resultados foram muito interessantes pois, animados com as Olimpíadas que ocorreram um pouco antes, os alunos se engajaram para pesquisar sobre os atletas escolhidos por eles e para escrever os textos sobre suas conquistas.

O segundo projeto desenvolvido em 2024 foi interdisciplinar, pois contou com a contribuição da professora de Arte das turmas do 2º ano do ensino médio, a Tenente Monique Rosa. O assunto debatido nas aulas de língua inglesa dizia respeito à voz da juventude e ao tipo de mensagem eles desejavam passar para a sociedade. Discutimos sobre a relevância de se posicionar e de buscar construir um espaço coletivo mais justo para todos.

Neste sentido, eu e a Ten. Monique Rosa propusemos aos alunos que produzissem uma obra de arte que expressasse a voz deles com uma reflexão para a sociedade. Para isso, eles precisaram escolher uma das Vanguardas Europeias que haviam estudado nas aulas de Arte, observando o estilo desta para produzir suas obras. Os resultados deste projeto foram apresentados na Mostra de Cultura do CBNB.

Este também foi o ano em que decidi escrever meu projeto de pesquisa para o Doutorado. Participei do processo seletivo no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e obtive a aprovação para iniciar os estudos e a pesquisa no ano de 2025. Também participei como palestrante em uma mesa-redonda promovida no campus São Cristóvão III do Colégio Pedro II, ocasião na qual tive oportunidade de conversar com os alunos do ensino médio sobre temas como masculinidade tóxica, machismo e violência nas escolas.

Ao fazer uma retrospectiva e lembrar dos meus passos até aqui, posso perceber que cada experiência e cada momento culminaram para que eu fosse a professora que sou hoje. Tenho plena convicção de que, após 10 anos de magistério, ainda tenho muito para aprender, para aprimorar, para mudar e para compartilhar. Me sinto grata pelas oportunidades e desejosa de fazer mais, muito mais.